



“MOONLIGHT – SOB A LUZ DO LUAR” E A PERSPECTIVA ECOLÓGICA DO CRIME NA MODERNIDADE LÍQUIDA: SOMOS QUEM PODEMOS SER?

VIEIRA, Andressa Carvalho¹.

MOONLIGHT - SOB A LUZ DO LUAR. *Moonlight*. Direção de Barry Jenkins. EUA: A24 - Plan B Entertainment, 2017. 111 min. Legendado. Port.

1. APRESENTAÇÃO E PERSPECTIVA TEÓRICA DA OBRA

Aos que se propuseram a avaliar o conteúdo dos filmes que concorreram no ano de 2017 ao prêmio máximo concedido pela Academia Norte-Americana de Ciências e Artes Cinematográficas, o Oscar de melhor filme, não foi necessariamente uma surpresa a consagração de “Moonlight – Sob a Luz do Luar”, de forma memorável nos instantes finais da cerimônia. Isso porque, apesar de uma perícia estilística que cumpre eficientemente o seu papel, mas muito pouco inova, sem grandes comoções ao público apegado à técnica por si só, o filme dirigido por Barry Jenkins concentra em seu roteiro aspectos cujas atualidade e sensibilidade foram alcançadas por pouquíssimas obras na história da sétima arte.

Cultura da violência, drogas, *bullying*, autodescoberta, relação com o espaço-tempo e sexualidade compõem a miscelânea de temáticas que, de forma não conflitantes, encaixam-se poeticamente na linguagem cinematográfica de “Moonlight”. Encontramos, no filme, o cenário ideal para a análise dos percursos teóricos nos quais tencionamos centralizar essa resenha. Antes de elucidá-los, muito além do que já se pôde conceber pela leitura do título, é necessário adiantar a síntese da obra, a fim de clarear desde já o contexto sobre o qual trabalharemos e permitir ao leitor uma perspectiva mais concreta do desenho crítico-teórico que aqui formularemos.

¹ Mestranda em Estudos da Mídia (UFRN); especialista em Cinema (UFRN); graduada em Comunicação Social – Jornalismo (UFRN); e graduanda em Direito (UFRN).



“Moonlight – Sob a Luz da Luar” narra por meio de um estudo poético e estético bem elaborado a vida de Chiron, garoto negro morador de uma comunidade pobre de Miami, focando em três momentos específicos da sua vida. No ato inicial da obra, conhecemos o protagonista sob a alcunha de “Little” (Alex Hibbert), um pequeno e esguio garoto na faixa dos 10 anos de idade. O aspecto que marca essa fase da vida de Chiron são as abordagens agressivas de colegas da comunidade, configurando tentativas e efetivações de *bullying* na infância. É também neste primeiro momento da obra que somos situados na complicada e abusiva relação entre o protagonista e sua mãe, Paula (Naomie Harris), que é usuária de drogas. Somos apresentados ainda à Juan (Mahershala Ali), um traficante de drogas que representa para “Little” um exemplo de autonomia e liberdade, e sua namorada, Teresa (Janelle Monáe), que acaba por se tornar um apoio emocional e referência materna para o garoto.

No segundo momento do filme, a adolescência de Chiron (Ashton Sanders), nos deparamos com a ausência de Juan, que morrerá entre uma fase e outra, uma relação cada vez mais prejudicial com sua mãe, o *bullying* que assume vertentes ainda mais ofensivas que na infância, e o conflito acerca da sua sexualidade, diante do qual o amigo de infância Kevin (Jharrel Jerome) se torna objeto de desejo. É também nessa fase que o protagonista pratica o seu primeiro ato delitivo, e que sugere o contexto da continuidade de sua vida adulta.

A última fase de “Moonlight” apresenta-nos a Black (Trevant Rhodes), um Chiron adulto, forte, que aparenta autossuficiência e já inserido no mundo do crime. Neste último ato, o personagem reside na cidade de Atlanta, para onde se mudara ainda na adolescência, e organiza um sistema de tráfico de drogas. A mãe, viciada em drogas, vive em um hospital e o contato com Teresa é menos frequente. Poucos são os vínculos com a antiga vida em Miami, até que Kevin (André Holland) retoma o contato com o amigo e o convida para vê-lo.

Eis o plano de fundo que nos possibilitará dialogar acerca de uma perspectiva ecológica do crime, que longe de uma concepção meramente cartesiana e determinista das afetações sociais, consiste na influência do espaço urbano e do contexto social nas escolhas atribuídas ao indivíduo enquanto agente comunitário, passando para este fim pelos estudos da Escola de



Chicago²; e de que forma esta configuração citadina influencia na relação com outros indivíduos e no olhar do sujeito sobre si mesmo. Para isto, faremos uso das ideias de Bauman com relação a modernidade líquida, identidade e vida urbana.

Ora, Chiron é alvo da exclusão social. Excluído por seu contexto familiar, pelo espaço onde vive, por seu baixo poder econômico, pelo comportamento que parece estranho aos seus colegas, por seu silêncio e pela natural falta de perspectivas; é no contexto de exclusão e na adoção definitiva da marginalização como forma de vida que Chiron constrói a sua maneira de sobreviver e sobrepor-se no mundo. E devido à cobrança, baseada na natural necessidade de “ser visto” e “ser respeitado” em um determinado contexto social, o protagonista vê-se incapaz de estabelecer vínculos emocionais duradouros, os quais exigem a confiança necessária para que seja possível expor fragilidades. Com isso, cresce a sensação de solidão e de estar sozinho no mundo, ainda que envolto por outros.

É essa relação entre espaço urbano e suas influências no espaço privado do desenvolvimento da consciência de cada indivíduo que abordaremos neste texto, tendo “Moonlight – Sob a Luz do Luar” como objeto cultural norteador e exemplificador das teses a seguir desenvolvidas.

2. CHIRON E A CIDADE: ENTRE O TUMULTO EMOCIONAL E A BUSCA PELA IDENTIDADE

O personagem principal de “Moonlight - Sob a Luz do Luar” é desenvolvido partindo não apenas de uma abordagem biopsicológica, mas sobretudo no contexto de suas relações macrosociológicas. É através de sua relação com o espaço urbano, suas atividades e seus indivíduos que se constrói a personalidade de Chiron. Assim, optamos pela Teoria Ecológica do crime como forma de situar a temática do filme, considerando que a ecologia é um ramo da biologia que lida com as relações dos organismos entre si e também com o meio ambiente

²A Escola de Chicago solidificou-se como o principal berço da atual sociologia americana. Foi fundada em 1891 sob os auspícios do milionário americano John D. Rockefeller e sob a batuta de Robert Park, Ernest Burgess e Roderick McKenzie criou-se a Teoria Ecológica, tendo com o objeto de estudo principal a cidade como um ente vivo, que influenciava e era influenciada por aqueles que a habitavam. (SILVA, p. 15, 2009)



físico e “esta perspectiva ecológica vai considerar que o comportamento humano é modelado pelas condições sociais presentes nos meios físicos e social” (CINELLI *apud* SILVA, p. 15, 2009).

Dentro de seu universo, Chiron enfrenta seus medos e a cruel cobrança pela descoberta da personalidade (a exemplo da marcante frase de Juan no primeiro arco do filme, “Uma hora você tem que decidir quem será. Não pode deixar ninguém tomar essa decisão por você”), incitada pela busca por um posicionamento no mundo e na sociedade, o que lhe certificará segurança (BAUMAN, 2005, p. 35). No entanto, o sentimento de segurança no ato de refletir a personalidade ao mundo exterior não necessariamente dialoga de forma harmônica com o conceito de segurança social - no caso de Chiron, a segurança do indivíduo foi alcançada no (re)encontro com a delinquência.

Essa procura na qual se baseia o roteiro particular do protagonista do filme - e de cada indivíduo - situa-se na dicotomia entre os espaços no qual vivemos (e não sentimos) e os espaços aonde queremos estar, mas julgamos inacessíveis. De acordo com Bauman (2009), “para aqueles que vivem num gueto voluntário, os outros guetos são espaços nos quais não entrarão jamais. Para aqueles que estão nos guetos ‘involuntários’, a área a que estão confinados (excluídos de qualquer outro lugar) é um espaço ‘do qual não lhes é permitido sair’”.

Assim, é dentro da cidade que se declara e se trava a luta, ainda segundo Bauman, por vezes vencida, mas frequentemente perdida, para sobreviver e conquistar um lugar no mundo, sendo essa “conquista” detectada muito mais no sentimento de encontramento (da personalidade e da imagem que se busca) que de galgagem de degraus em busca de uma posição socialmente padronizada como elevada.

2. 1. “Little” e o desabrochar de uma consciência urbana

Já na primeira cena do filme somos apresentados aos dois tipos de personalidade que, ao mesmo tempo que contrastam também se buscam na obra: Juan é a identidade modelo, que emana autoconfiança e a segurança a qual Chiron, aqui ainda chamado “Little”, também



almeja; Little por sua vez é mostrado desde o início como um sujeito pequeno, fraco e incapaz de se impor e de defender-se. Também somos apresentados à pequena comunidade de uma grande cidade, Miami, cuja representação na obra trabalha para inibir qualquer possibilidade de liberdade ou fuga. Chiron situa-se em um universo de poucos ambientes, e de constantes prisões (em casa, nos conflitos com a mãe, no enfrentamento com os colegas, na rotina) o que corrobora para um simbolismo de poucas perspectivas.

Dessa forma, dialogando com os pensamentos de Jock Young, a representação que temos da cidade é de exclusão e inquietude “em virtude dos modelos de dominação, da falta de reconhecimento ou respeito social, e também, pois frequentemente as duas coisas estão entrelaçadas, porque apresenta paisagens de injustiça; de desequilíbrio e desigualdade” (YOUNG *apud* SILVA, p. 16, 2009)

Malhem (2013) relembra que a cidade adquire, assim, não apenas o formato de um amontoado de indivíduos e relações sociais, mas “um estado de espírito”, o qual corrobora diretamente para o modo de sentir o espaço urbano de seus cidadãos. O contexto urbano de Little é de desorganização familiar e afetiva, configurando a ausência de laços de solidariedade, o que proporciona ambiente favorável ao aumento da criminalidade. É na companhia de Juan, um traficante de drogas que conquistou o respeito da comunidade no ambiente de delinquência que Little aproxima-se mais dos ideais de segurança e estabilidade.

O diálogo entre Kevin e Little após a cena em que o último é excluído de uma partida de futebol inicia a reflexão sobre os nichos criados entre os próprios excluídos, como forma de estipular níveis e subníveis de hierarquia dentro de uma mesma comunidade, o que distancia ainda mais a identificação do protagonista com o seu contexto urbano.

Kevin: Por que deixa que peguem no seu pé?

Little: O que você quer dizer?

Kevin: Você deixa os outros pegarem no seu pé.

Little: E o que eu vou fazer?

Kevin: Diga para os negros que você não é frouxo.

Little: Mas eu não sou frouxo.

Kevin: Eu sei, eu sei. Mas não significa nada se eles não souberem.

Somos apresentados a um exemplo do conceito de “sociedade inclusiva” de Young, no



qual a sociedade orgulha-se de abrigar todos os tipos de diversidades, não com a intenção de integrá-las, mas de formatá-las e transformá-las nos padrões aceitos pelo grupo daquela comunidade (BRACCO, 2001 *apud* CRUZEIRO, 2016, p. 16). Por fim, Young (2002 *apud* CRUZEIRO) reflete sobre os problemas desse tipo de fragmentação social para uma reação em cadeia exclusiva que incita a marginalização.

Desse modo, os excluídos criam divisões entre eles mesmos, com frequência sobre bases étnicas, muitas vezes quanto à parte da cidade em que se mora, ou mais prosaicamente, para que time de futebol se torce. É muito importante observar que isso cria problemas de segurança e tranquilidade para outros membros da comunidade, particularmente as mulheres. Eles são excluídos, criam uma identidade que é rejeitadora e excludente, excluem outros mediante agressão e dispensa, e são, por sua vez, excluídos e dispensados por outros, seja diretores de escola, seguranças de shoppings ou supermercados, cidadãos “honestos” ou o policial em sua ronda

2.2. “Chiron” e a claustrofobia da cidade

A segunda fase do filme nos apresenta a um Chiron adolescente, ainda perdido em seus anseios e perspectivas e com o vácuo da perda de Juan. No entanto, já na primeira cena vemos uma imposição por parte do personagem em reafirmar a escolha pela sua identidade quando é chamado de “Little” na sala de aula por *umbully* e retruca com um incisivo “Não me chame assim”. Nesse momento, o *bullying* que Chiron já sofria na infância devido a insinuações com relação à sua sexualidade torna-se mais agressivo e a relação do protagonista com seu ciclo social e o espaço em que vive apresenta-se ainda mais impessoal. “A cidade submete o indivíduo a estímulos, conduzindo à impessoalidade, à liberdade, ao anonimato e ao distanciamento tanto físico quanto emocional” (WIRTH *apud* MALHEM, 2013).

Somado a isso, nos deparamos com outras variantes que se somam para um maior prevaletimento da formação da personalidade na esfera pública, lembra Malhem (2013), como o “enfraquecimento do controle exercido pela família, escola e religião”, que aumenta na mesma proporção que o crescimento das cidades. Para a autora, “há direta relação entre a organização do espaço e a criminalidade, sendo o crime um produto social da vida urbana”. Tais fatores corroboram para o estopim da cena final do segundo ciclo, quando Chiron dá o primeiro passo em direção ao desvio social.



Também se tornam cada vez mais conflitantes para Chiron, à medida que cresce, o limite de suas relações afetivas. Com poucos amigos e um contexto doméstico abusivo, o protagonista não se permite a liberdade de expressar-se emocionalmente. Bauman explica bem a dicotomia de sentimentos diante da liquidez de uma sociedade em que nada parece solidificado, definido e fixo. “As relações interpessoais, com tudo o que as acompanha - amor, parcerias, compromissos, direitos e deveres mutualmente reconhecidos -, são simultaneamente objetos de atração e apreensão, desejo e medo; locais de ambiguidade e hesitação, inquietação, ansiedade”(2005, p. 69).

Assim, o protagonista inibe-se de expressar sentimentos e resguarda-se mesmo diante das contrastantes atitudes de Kevin, que ora beija-o e ora esmurra-o, devido ao receio de ser excluído de seu grupo social. É aí que o personagem resolve ter uma postura proativa a respeito do banimento que sofre, ao rebelar-se socialmente e agredir Terrel. “Assim é que os excluídos, em resposta à exclusão e à violência que sofrem, excluem e violentam, e este indesejável ciclo é chamado por Young de dialética da exclusão” (CRUZEIRO, 2016, p. 17). A energia agressiva e destrutiva acumulada pelos atos de segregação converte-se em uma nova forma de adquirir respeito: a criminalidade.

2.3. “Black” e o enfrentamento do espaço desconhecido

“Black”, apelido concedido por Kevin a Chiron, é o nome escolhido para a identidade adotada na fase adulta. Black torna-se um espelho do que um dia fora Juan, um traficante de drogas, com presença, grande porte físico e presença impactante. Expulso da escola após a briga com Terrel, é enviado para Atlanta, aonde tem a oportunidade de reconstruir uma nova vida em um novo espaço e longe de qualquer vínculo com a comunidade de Miami aonde morava. Ao deixar a sua cidade e optar por permanecer longe dela, Black foge do seu espaço urbano de origem, mas muito daquele contexto permanece no personagem, que, após muitos anos, não evoluíra em nada na resolução de conflitos em diversos aspectos de sua vida, a exemplo da sua sexualidade.

“Evita-se o convívio para se afastar dos vínculos e compromissos. Evita-se criar laços pelo medo do desfazimento destes mesmos laços: “mesmo quando podem



sentir os vínculos que as unem aos outros, as pessoas não querem vivê-los porque têm medo de participar, têm medo dos perigos e dos desafios que a participação implica, e têm medo de sofrer”, afinal, “identificar-se com...” significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar. (BAUMAN, 2009, p. 45 apud MALHEM, 2013)

Black é aqui um estrangeiro, sem passado e sem vínculos, do qual pouco se sabe e muito se teme, propiciando o cenário perfeito para o seu trabalho no ramo de tráfico de drogas. A ausência de bases estáveis como a família, religião, emprego, comunidade, invoca a falta de referenciais, limites e responsabilidades. “Não há mais um passado, uma história, um nome a zelar, um grupo a quem responder por seus atos” (MALHEM, 2013). Complementa Bauman (2009) acerca da figura do estrangeiro que este é, por definição, “alguém cuja ação é guiada por intenções que, no máximo, se pode tentar adivinhar, mas que ninguém jamais conhecerá com certeza. O estrangeiro é a variável desconhecida no cálculo das equações quando chega a hora de tomar decisões sobre o que fazer”, corroborando para a áurea de mistério e poder assumida por Black na nova fase de sua vida.

Por outro lado, Chiron adotou para si um estilo que já demonstrava identificação com um determinado modo de vida. O modelo “ostentação” emana respeito no mundo do crime e apela para uma aceitação imediata e um *ethos* de reconhecimento social. Para Jeff Ferrel, “a participação em um modo de vida coletivo demonstra e apresenta, para si mesmo e para os outros, atributos pessoais que tornam alguém digno de pertencimento, sendo aceito e – potencialmente – tornando-se importante” (1995, p.5, tradução nossa)³.

Assim, encontramos na criminologia cultural de Ferrel⁴ um dos contextos nos quais podemos situar a evolução do personagem principal de “Moonlight”. Chiron, agora Black, formado no contexto do crime no qual buscou a sua possibilidade de autoafirmação, é

³Do original, “Intimate participation in a collective way of life demonstrates and displays, to oneself and to others, personal attributes that make one worthy of belonging, being accepted, and – potencially – becoming important”.

⁴ A criminologia cultural, que tem no autor citado o seu expoente pioneiro, estabelece a prática interdisciplinar do estudo criminológico de forma a observar os fenômenos contemporâneos, tendo como plano de fundo as interações sociais baseadas na cultura e na mídia de massa, e agregando aos pilares teóricos da Criminologia também os Estudos Culturais. A perspectiva, no entanto, não pretende se limitar teoricamente, ao passo que visa acompanhar as transformações socioculturais como forma de melhor compreender os fenômenos criminológicos da pós-modernidade.



instituído da estética, estilo e glamour sobre o qual se refere Salo de Carvalho (2009, p. 365). Dessa forma, o filme embala para o público um caminho “inevitável” de transgressão que assume uma imagem romântica, emocionante e *fashion*. É no crime que Black se impõe enquanto sujeito social e torna-se referência simbólica.

Nesta fase, Black utiliza-se ainda de estratégias de autoafirmação, como a necessidade de exibir não apenas objetos (armas, joias), mas seu status. A nível de exemplificação, o protagonista acusa o seu funcionário de não ter entregue todo o dinheiro arrecadado e afeta-o seguidamente para, por fim, admitir que “Estava apenas te zoando”, com a desculpa de uma pseudo lição de moral: “Você não pode trabalhar na rua se não aguentar uma zoeira”, encerra o diálogo. Dessa forma, Black institucionaliza-se e reafirma o seu poder adquirido, ou melhor, a relação de poder com o seu subordinado, pois, segundo Vilas Boas (1993, apud (CRUZEIRO, 2016, p. 17), “o poder não é algo que alguém detém como uma propriedade; o poder se exerce. Portanto, não existe ‘O Poder’, mas ‘práticas ou relações de poder’”.

Por fim, é na retomada do contato com Kevin que Black, ou Chiron, constata a fragilidade das bases da formação de sua identidade, cujos pilares foram a ofensividade à discriminação que sofrera, assumindo a delinquência como caminho eficiente para uma mudança de vida, e a ausência de vínculos emocionais, com o intuito de blindar-se sentimentalmente – resultado que, fica o indício, não foi perfeitamente alcançado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARVALHO, Salo de. Criminologia cultural, complexidade e as fronteiras de pesquisa nas ciências criminais. In BECHARA, Ana Elisa Liberatore S. (coord.). *Revista Brasileira de Ciências Criminais*. São Paulo, ano 17, n. 81, nov-dez 2009. p. 294-338.

CRUZEIRO, Lucas de Oliveira. Sociedade excludente e sua perspectiva criminológica – uma visão sobre a exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente (Jack Young). in ROCHA, Lilian Rose Lemos; BINATO JÚNIOR, Otávio (coord.). *Caderno de*



pós-graduação em direito: criminologia. Brasília: UniCEUB – ICPD, 2016. p. 11-22.

MELHEM, Patricia Manente. Criminologia, Escola de Chicago e modernidade líquida. Revista Jus Navigandi. Teresina, ano 18, n. 3655, 4 jul. 2013. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/24879>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

SILVA, Luciano Filizola da. Em meio ao caos, quem é cidadão? Um olhar criminológico sobre o choque de ordem e a Escola de Chicago. Boletim IBCCRIM: São Paulo, ano 17, n. 199, junho 2009. p. 15-16.